
Ensaio

Tempo e Trabalho: “Como colocar o coração no ritmo da terra”

Suzana Canez da Cruz Lima¹, Fernando de Oliveira Vieira²

¹ <https://orcid.org/0000-0001-6997-6552>/Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, Rio de Janeiro, Brasil.

² <https://orcid.org/0000-0001-5374-997X>/Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

O ensaio pretende trazer uma reflexão sobre a relação estabelecida com o tempo no mundo do trabalho contemporâneo. O texto analisa criticamente a temporalidade vivida no capitalismo e, num segundo momento, discute sobre um novo modo de vida e de experiência do tempo, na contramão da sociedade do desempenho, com base no pensamento de Byung-Chu-Han e no olhar decolonial, da perspectiva do Bem Viver, especialmente dos debates trazidos por Ailton Krenak. Problematizamos o modo de vida capitalista pautado numa existência econômica que vai estabelecendo uma forma de relação com o tempo que é acelerada, presa ao futuro, numa forma de atenção presa à utilidade e à produtividade, que nos leva a uma ação passiva, de autômatos, e um tempo-do-eu, autocentrado, individualista, que se distancia da vida comunitária. Por outro lado, sobre esta proposição de um novo modo de vida anticapitalista, grifamos que a vida é um fim em si mesmo, que não precisa de utilidade, que a partir do registro da improdutividade fundamental, se busca uma outra temporalidade, de viver o instante, a temporalidade do estado da contemplação, da atenção profunda, do tempo do outro, dos rituais e do tempo que permite o processo de produção de sentido da experiência.

Palavras-chave: Mundo do Trabalho, Temporalidade, Sociedade do Desempenho, Temporalidade da Contemplação

Time e Work: “How to put your heart in the rhythm of the earth”

Abstract

The essay aims to reflect on the relationship established with time in the contemporary world of work. The text critically analyzes the temporality experienced in capitalism and, secondly, discusses a new way of life and experience of time, against the grain of performance society, based on the thinking of Byung-Chu-Han and the decolonial perspective, the perspective of Good Living, especially the debates brought by Ailton Krenak. We problematize the capitalist way of life based on an economic existence that establishes a form of relationship with time

Submissão: 20/05/2024

Aceite: 24/02/2025

Editora Responsável: Liliam Deisy Ghizoni

Editora de Leitura: Gracilene Paiva Araujo

Editora Administrativa: Thamyris Pinheiro Maciel

Como citar este artigo: Lima, S. & Vieira, F. (2025).

Tempo e Trabalho: “Como colocar o coração no ritmo da

terra”. *Trabalho (En)Cena*. 10 (contínuo), e025009. 01-14.

<https://doi.org/10.20873/2526-1487e025009>

that is accelerated, tied to the future, in a form of attention tied to utility and productivity, which leads us to a passive action, of automatons, and a self-centered, individualistic time that distances itself from community life. On the other hand, regarding this proposition of a new anti-capitalist way of life, we emphasize that life is an end in itself, that it does not need utility, that based on the record of fundamental unproductivity, another temporality is sought, of living the instant, the temporality of the state of contemplation, of deep attention, of the time of the other, of rituals and of the time that allows the process of producing meaning from the experience.

Keywords: World of Work, Temporality, Society of Performance, Acceleration, Temporality of Contemplation

A vida é tão breve quanto a gota de orvalho numa folha de grama. A nossa vida é incrivelmente curta. Cada momento é um nascimento, novo, fresco, esta é uma experiência bonita da vida. Cada momento é a morte, ele passa, tão precioso, tão efêmero, como a vida. É como um instalar de dedos.

Pema Chödrön

O presente ensaio pretende trazer uma reflexão sobre a relação estabelecida com o tempo no mundo do trabalho contemporâneo. Porque pensar sobre este tema, a experiência do tempo, a relação do tempo com o trabalho? Em primeiro, esta é uma questão que tem me instigado, porque sempre foi dilemática para mim. Desde que comecei a trabalhar, muito cedo, aos vinte e poucos anos de idade, minha relação com o tempo mudou, fui me tornando uma pessoa acelerada, presa à agenda, percebendo este ritmo em mim nas férias, nos finais de semana, uma sensação constante, muito íntima, de não estar em dia. Sempre me inquietou esta espécie de moldura que eu sentia, como talvez uma das formas de sofrimento mais presentes, mas silenciosas, sorrateiras em mim. Além disso, como professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) de Rio das Ostras, nas práticas de estágio supervisionado de escuta em clínica do trabalho sempre ouvimos, de forma recorrente, relatos de trabalhadores, usuários da clínica escola, especialmente entre mulheres, de muitos sofrimentos relacionados à sobrecarga, ao excesso de trabalho, a falta de tempo para as relações familiares, amorosas e de amizade, uma autocobrança excessiva enfim, sofrimentos que estão relacionados à esta problemática do tempo no modo de vida capitalista. Tenho a sensação de que quando falamos sobre a vida acelerada, de utilizar uma estratégia multitarefa para lidar com as situações do cotidiano estamos falando do óbvio, mas o desafio é mudar a posição subjetiva, porque este modus operandi está muito impregnado em nós.

Assim nossa intenção aqui é refletir sobre este tema, acreditando que a reflexão sobre como estamos vivendo o tempo pode auxiliar para mudar o nosso modo de vida, tão impregnado pela lógica capitalista. Esta análise tem uma direção já apontada no título: Tempo e Trabalho: “Como colocar o coração no ritmo da terra”. “Como colocar o coração no ritmo da terra” (Krenak, 2022, p.118), é uma fala do Krenak, no livro Futuro Ancestral, um dos últimos dele, se referindo de que as crianças indígenas aprendem desde cedo a colocar o coração no ritmo da terra, enquanto as nossas crianças, desde cedo, aprendem a ser produtivas e competitivas. A direção então dada ao texto é de crítica ao modo capitalista, que nos descola do ritmo da terra, e que para superarmos esta crise contemporânea se demanda uma outra racionalidade, neste sentido, esta análise será pautada pelo pensamento de Byung-Chu-Han, filósofo coreano, professor de Filosofia na Universidade de Berlim, que propõe um novo modo de vida, que ele mesmo nomeia como a temporalidade da contemplação e que parece encontrar muita ressonância com o olhar decolonial, dos saberes dos povos originários, da perspectiva do Bem Viver, que também será base para esta discussão.

A perspectiva do Bem Viver é provinda das vivências e conhecimentos dos povos originários da América Latina central e contribui de forma significativa para se pensar de forma crítica os efeitos do capitalismo contemporâneo nos modos de trabalho e de vida. É uma nova ética centrada no reconhecimento de saberes e modos de vida tradicionais. Assim, o que pode se entender por decolonialidade, é uma proposta epistemológica que busca reconhecer e valorizar os saberes dos povos originários e se contrapor a visão colonialista, eurocentrada que colocou o europeu como civilizado e superior e os povos nativos como “selvagens”, inferiores. Como afirma Acosta (2016), esta perspectiva é uma ética baseada na construção coletiva buscando formas mais justas e menos desiguais para a vida no nosso planeta.

O pensamento na modernidade seguiu uma tendência de fragmentar a realidade separando razão e emoção, corpo e mente, sociedade e natureza, ou seja, marcado pelo dualismo, desconsiderando a complexidade da existência humana. Por outro lado, privilegiou um modo de vida individualista e competitivo, uma ética antropocêntrica. As narrativas do Bem Viver, expressas pela perspectiva decolonial latino-americana, segue uma leitura da realidade mais sistêmica e integrada, uma ética biocêntrica. Superar a crise contemporânea demanda, como já mencionado, uma outra racionalidade, este é o caminho que estamos trilhando nesta reflexão.

O texto está construído em dois momentos, num primeiro momento, analisa criticamente o tempo vivido no capitalismo, como ele é vivido e as repercuções desta temporalidade no nosso modo de vida, este tempo útil para atingir objetivos e, num segundo momento, discute

sobre um novo modo de vida e de experiência do tempo, na contramão do sistema neoliberal, da sociedade do desempenho, baseada como já mencionado, pela perspectiva do Bem viver e do pensamento de Byung-Chu-Han.

Como podemos então pensar o modo de vida capitalista?

Para o Han (2015), o modo de vida capitalista, na sociedade do desempenho, é uma existência econômica, em que por meio principalmente do trabalho, da sua capacidade de ser produtivo, é que é possível garantir a nossa própria existência. Assim, o trabalho é acima de tudo produzir a si mesmo, ou seja, para dar sentido a nossa existência precisamos nos afirmar constantemente, que é estar em atividade incessantemente, este ponto é que caracteriza a noção de excesso de positividade, de acordo com este autor. Importante sublinhar que no entendimento deste autor, a existência econômica não é só pela busca consumista de coisas materiais, mas a busca por uma identidade, uma forma de ser visto por si mesmo e ser visto pelos outros também, de ser validado pelas pessoas. É a busca por uma identidade subjetiva.

Além disso, esta lógica do desempenho passa a operar em todas as esferas da nossa vida - na vida familiar, na vida amorosa, na relação com o corpo e assim por diante - por isso, bem mais opressora, numa experiência de que nunca é suficiente o que se faz. Na sociedade do desempenho este é o único meio disponível de existência. É a conversão do trabalho como meio de autorrealização no seu extremo.

Neste movimento de empreendedorismo de si mesmo, vivemos a relação consigo mesmo, como um peso, como um fardo, como servo desta compulsão de ser apenas si mesmo por autoafirmação e, consequentemente, nos fechamos para as outras dimensões presentes, especialmente a relação com o outro. É um autocentramento, um ciclo autofágico. É do indivíduo a responsabilidade pelo seu desempenho e também pelo seu próprio sofrimento, é uma vivência dolorosa de individualização do sofrimento. “O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo” (2015, p.29). Encontra-se em guerra consigo mesmo porque tem sempre a experiência amarga de não ter feito o suficiente, a culpa é um dos afetos mais presentes nesta experiência do empreendedorismo de si mesmo.

Como nesta lógica a liberdade é concebida como conquistada pela produtividade, esta é a forma mais bem sucedida da exploração capitalista, o sujeito mesmo impõe para si próprio a exploração, não é a mando de ninguém. Enfim, é o algoz e o escravo ao mesmo tempo. Neste sistema o que gera a patologia é o funcionamento desregulado do próprio organismo, o sistema funciona sem parar, assim ele em algum momento se desgasta.

Por isso que as patologias mais recorrentes desde o começo do século XXI são as doenças neuronais, como ele denomina, tais como: a depressão, o transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (Tdah), o transtorno de personalidade limítrofe (TPL) e a síndrome de burnout (SB) porque decorrem de uma exaustão psíquica do sujeito. “O sujeito do desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se despedaça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho. Precisamente esta incapacidade de chegar a uma conclusão e de encerrar conduz ao *burnout* (2021, p.30)”. “Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade” (2015, p.08). Ele está indicando um predomínio de esgotamento, exaustão e sufocamento. Em outras palavras, como diz Han (2015), “a sociedade do desempenho (...) produz depressivos e fracassados” (p.25). Na economia afetiva predomina principalmente sentimentos de insuficiência e de inferioridade dado às autoacusações e autoagressões constantes.

Nesta discussão Han não está negando a importância do trabalho, mas criticando a generalização deste modo de trabalho para todas as esferas da vida e de que o trabalho, de forma restrita, que atribui sentido à vida.

Como então podemos pensar a temporalidade no capitalismo?

Seguindo pelas palavras do Han (2021):

A sociedade do cansaço atual faz o próprio tempo de refém. Ela o acorrenta ao trabalho e o transforma em tempo do trabalho. (...) A pausa não marca, como pausa do trabalho, um outro tempo. Ela é apenas uma fase do tempo de trabalho. Hoje, não tem nenhum outro tempo senão o tempo do trabalho. (...) Trazemos o tempo do trabalho não apenas nas férias, mas também no sono. Por isso dormimos tão inquietamente hoje. Também o relaxamento é apenas uma modificação do trabalho, na medida em que serve para a regeneração da força de trabalho. A recuperação não é o outro do trabalho, mas o seu produto. Também apenas a desaceleração ou lentidão não podem gerar um outro tempo. Ela é, igualmente, consequência do tempo de trabalho acelerado. Ela apenas desacelera o tempo de trabalho, em vez de transformá-lo em um outro tempo. (...) A desaceleração não surte nenhuma cura. (...) Hoje, é necessária uma revolução temporal, que gere um outro tempo, o tempo do outro, que não é um tempo do trabalho, uma revolução temporal que traga de volta para o tempo o seu aroma (p.32-34).

Estamos vivendo hoje, como também reforça Krenak (2022), num momento de grande ansiedade e de uma tremenda aceleração do tempo. Como ele afirma: “Não podemos operar no automático” (Krenak, 2020a, p.04). “O ser automatizado, vai comendo qualquer coisa, vai

bebendo qualquer coisa, vai andando, vai morrendo (...) (Krenak, 2020c, p.41). A proposta dele é de se buscar “fricção com a vida”, expressão cunhada por ele, da experiência sensorial que nos coloca em conexão com o mundo, com o que está a nossa volta, de colocar o coração no ritmo da terra. É viver a experiência, experimentar a vida, não é uma coreografia utilitária (a ter uma vida útil), é viver em conexão sensorial (Krenak, 2020c). Em sintonia com o Han (2021) é trazer de volta para o tempo o seu aroma. É colocar o coração no ritmo da terra, no aqui e agora.

Conjugada a aceleração, se tem um olhar voltado para o futuro. Como o Krenak (2022) problematiza, “olhar sempre para o futuro, e não para o que está ao nosso redor, está diretamente associado ao sofrimento mental que tem assolado tanta gente, inclusive os jovens. É uma experiência que penetra por todos os povos e reflete em nosso estado emocional. O vasto ecossistema do planeta Terra também está sofrendo o estresse dessa aceleração” (p.97-98). Esta temporalidade do trabalho do capital nos impõe sempre estar um passo à frente, voltados para o que vem depois, não vivendo o presente, olhando para o depois. É como observamos no cotidiano de que se o sujeito está na universidade está pensando na vida de trabalho que pretende construir, se está no trabalho está pensando na aposentadoria e, num tempo mais presente, se está na cama à noite está pensando nas tarefas do outro dia.

Sobre o futuro, diz ainda Krenak (2022, p.96-97), “O futuro não existe – nós apenas o imaginamos. Dizer que alguma coisa vai acontecer no futuro não exige nada de nós, pois ele é uma ilusão”. A proposta dele é viver no presente: “colocar o coração no ritmo da terra”.

Outro ponto diz respeito à atenção, a atenção atual é difusa, multitarefa preocupada em fazer várias atividades ao mesmo tempo, sem dar uma atenção profunda a elas. Esta atenção é movida pela preocupação da utilidade delas e de ser produtivos. É o uso do tempo de forma útil, usar o tempo para o ganho e o acúmulo de dinheiro pelo trabalho. Como consequência esta hiperatenção, esta hiperatividade se converte em uma passividade extrema. É de passividade extrema uma vez que as coisas são feitas de forma mecânica, refém dos estímulos externos, sem muita reflexão, o que impede uma verdadeira ação, uma ação transformadora. É como provoca o Krenak, de operar no automático, que vai comendo qualquer coisa, bebendo qualquer coisa e assim por diante. É um uso do tempo voltado para as externalidades que produz uma ação mecânica, ou seja, não criativa.

Sobre esta questão da atenção, Patzdorf (2022, p.96), é o constante assalto da economia da atenção que “quer converter nosso escasso tempo livre em maior tempo de uso das telas, aplicativos e redes sociais, pois, assim, mercantilizamos momentos até então inacessíveis à especulação financeira: o descanso, a carência e o tédio”. Este mesmo autor, em suas

investigações, analisando o corpo inserido no mundo contemporâneo, identificou estados desvitalizantes que vão sendo produzidos neste contexto social tais como: o corpo esgotado, o corpo carente, o corpo distraído e o corpo sedentário. Modos que são produzidos por uma crise da sensibilidade no contexto neoliberal, crise que expressa a fragilização da nossa capacidade de perceber os estímulos que chegam até nós, um “analfabetismo sensorial”, como ele mesmo denomina. Ele nos provoca a redescobrir estas dimensões sensoriais esquecidas da experiência sensível. Como por exemplo, ampliar a nossa introspecção, o contato com o nosso corpo pela respiração, habitar o silêncio e não só ficar refém ao excesso de sons da vida urbana.

Este cenário é descrito por Kopenawa e Albert (2015, p.436) de forma tocante:

A vida dos brancos que se agitam assim o dia todo como formigas xiri na parece triste. Eles estão sempre impacientes e temerosos de não chegar a tempo a seus empregos ou de serem despedidos. Quase não dormem e correm sonolentos durante o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias. Então, quando seus cabelos ficam brancos, eles se vão e o trabalho, que não morre nunca, sobrevive sempre a todos. Depois, seus filhos e netos continuam fazendo a mesma coisa.

Outro aspecto trazido pelo Han (2021) que me parece um ponto importante, faz a seguinte distinção:

O tempo que se deixa acelerar é o tempo-do-Eu. (...) Ele é o tempo que eu tomo para mim. (...) Há, porém, também um outro tempo, a saber, o tempo do outro, um tempo que eu dou ao outro. O tempo do outro como dádiva não se deixa acelerar. Ele também se furta ao trabalho e ao desempenho, que sempre exige o meu tempo. A política do neoliberalismo desfaz o tempo do outro, pois ele é eficiente, conduz ao individualismo e à competitividade. Em oposição ao tempo-do-eu, que isola e singulariza, o tempo do outro promove a comunidade. Apenas o tempo do outro liberta o eu narcisista da depressão e da exaustão (p.41-42).

Até aqui o que foi desenvolvido, especialmente a partir do pensamento do Han e do Krenak, foi como podemos problematizar o modo de vida capitalista pautado numa existência econômica e que vai estabelecendo uma forma de relação com o tempo que é acelerada, presa ao futuro, numa forma de atenção presa à utilidade e à produtividade, que nos leva a uma ação passiva, de autômatos, e um tempo-do-eu, autocentrado, individualista, que se distancia da vida com os outros e da vida comunitária. Agora, nesse segundo momento, vamos pensar então num

novo modo de vida, na contramão do sistema neoliberal, da produtividade e da sociedade do desempenho.

Como então podemos pensar um novo modo de vida anticapitalista?

Para o Han (2021) a forma capitalista de vida é autodestrutiva, corrói a relação com os outros e também de como desfrutar a vida com liberdade. Para o autor, o principal na vida é a relação com o outro, desfrutar de uma relação de plenitude na vida é pela relação com o outro, é o que nos permite ir além da nossa existência como indivíduo, que é fechada numa relação consigo mesma, que não desfruta de outras dimensões só possíveis na relação com o outro. É a perspectiva do encontro, onde é na relação com o outro que somos convocados a nos questionar e até nos transformar.

Em outras palavras, uma vida plena, verdadeiramente humana e livre, prescinde de uma relação de abertura que permita ir além de mim mesmo. Para o autor, não existimos de um modo fixo, estático, ensimesmado, substancializado, reféns de uma identidade que precisa ser mantida e reforçada. Nossa existência é caracterizada fundamentalmente pela relação com o outro, não somos independentes das relações que se estabelecem, não somos separados deste mundo que se apresenta para nós.

O documentário Tom e Elis acreditamos que traz um exemplo tocante do que fala o Han sobre o quanto é na relação com o outro que somos convocados a nos transformar. O documentário é sobre o encontro deles em Los Angeles para a gravação do álbum deste nome, um álbum de uma qualidade musical impressionante, reconhecido internacionalmente. O período de gravação do álbum foi longo, inclusive marcado por muitos conflitos, mas o relato de pessoas que acompanharam descreve que, com o tempo, surgiu um apaixonamento entre o Tom, a Elis e a música e de que, depois deste encontro, a Elis passou a cantar de forma diferente, de que ela foi habitada pelo minimalismo jobiniano, pelo jeito do Jobim cantar, na sua economia nas notas musicais. Achamos que é um belo exemplo sobre este estar no tempo do outro, num processo de transformação de si. É o exercício de cada um olhar para a sua vida e perceber o quanto sua linguagem, sua visão de mundo, sua estética e, assim por diante, foi produzida pelos encontros com os pais, avós, professores, amigos, colegas de trabalho, vizinhos e tantos outros seres que cruzaram o nosso caminho.

A dinâmica da relação restrita ao si mesmo é denominada por ele do inferno do igual. Neste sentido também se perde a dimensão da existência comunitária que se estabelece por meio de rituais que constituem e solidificam os vínculos comunitários. Estes rituais demandam uma outra temporalidade que não é a do trabalho, é a temporalidade da festividade que precisa

ter seu próprio tempo para ser experimentada na relação com o outro, que vai além da preocupação restrita com a própria sobrevivência. Ela não é regida pela lógica do desempenho. O sentido do ritual está em si mesmo.

Com outro documentário podemos ilustrar sobre o sentido dos rituais como discute o autor. O documentário Krahô – A flor do Buriti mostra a resistência dos indígenas Krahô, localizados no Tocantins, grupo marcado pelo genocídio provocado por fazendeiros locais. Este documentário foi premiado em Cannes. É muito emocionante ver os rituais que eles cultuam até hoje, que vem desde seus ancestrais e do quanto através destes rituais, pela tradição oral, atualizam/transmitem para suas crianças, seus jovens, a sua história. É disso que falam os rituais de festividades que tem esta profundidade de nos conectar com a nossa terra, nossos ancestrais, enfim, com a nossa história.

Vale aqui um parêntese, sobre esta noção de que não somos independentes das relações. Esta é uma noção convergente com a filosofia do Bem Viver. Estamos numa visão de que a natureza é separada de nós, vista como um recurso e que nos cabe consumir suas riquezas. Esta é a base da nossa sociedade predatória e de consumo. A filosofia do Bem Viver se contrapõe a esta visão, considera que a natureza é um organismo vivo e nós somos corpos inseridos nela, numa relação interdependente, estamos dentro e esta ecologia existe em nós. “O bem viver são corpos vivos em uma terra viva (...) a terra respira” (Krenak, 2020a, pág.20).

Trazendo um pouco mais das próprias palavras do Krenak (2020a, p. 13): “Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera da Planeta Terra. É maravilhoso, porque ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade”.

Esta noção de natureza é central para compreender a perversidade do capitalismo, que nos arrasta para o automatismo, para o individualismo, para a falta de sentido e a falta de uma casa compartilhada, uma casa comum que possa ser cuidada por todos. A natureza apresenta amplos sentidos, desde a dimensão da subsistência das nossas vidas, mas também a dimensão transcendente, de sentido para as nossas vidas, que nos oferece uma sensação de estar em casa. Ainda ressalta que, nossa sociabilidade deve incluir humanos e não-humanos. A cultura do Bem Viver é o caminho da cooperação (Krenak, 2020b).

Neste sentido, desfrutar a vida é um fim em si mesmo, não precisa ter utilidade, como diz Krenak (2020d), no próprio título de um de seus livros, a vida não é útil. Não precisamos atribuir uma função para conversar, para nos divertir, para além do fato de que estas são atividades que nos trazem plenitude, nos permitem experimentar o momento presente. Para o Han (2023), a característica principal deste modo de vida anticapitalista, que demonstra muita

ressonância com a posição do Krenak, é uma improdutividade fundamental em contraposição a noção de sobrevivência inseparável de produtividade, que nas palavras de Krenak (2020d), é a base do pressuposto da vida como útil. É o modo de vida que tem valor pelo instante que estamos vivendo, pelo aqui e agora, o valor do estado de desfrutar a própria existência, e não por algo externo, pelo produto da nossa atividade. Um bom exemplo é um jogo de futebol com amigos no final de semana, que é um exemplo do lúdico em nossas vidas. As pessoas jogam futebol porque é divertido e não por algo que virá depois. O lúdico é importante para resgatarmos esta característica de um outro modo de vida. A diversão descolada da utilidade.

Essa noção de improdutividade Han (2023) relaciona com um estado de contemplação. Contemplar para o autor significa outro regime de atenção, uma outra temporalidade, de estar inteiramente consciente das coisas que experimentamos diante de nós, de estar plenamente aqui e agora. E, além disso, de viver as coisas tais como elas são. É neste regime que atingimos a sensação de plenitude. É a temporalidade da contemplação, do estar plenamente aqui e agora, distinta da temporalidade da utilidade e da produtividade.

Na leitura deste autor, é por este estado de contemplação, este outro regime de atenção, que é possível uma verdadeira atividade, produzida por uma atenção profunda. Neste estado saímos de nós mesmos e conseguimos mergulhar nas coisas. Assim é por este estado que é possível sermos verdadeiramente ativos e desfrutar a vida. No livro “Favor fechar os olhos. Em busca de um outro tempo”, Han (2021) desenvolve esta ideia de fechar os olhos como uma imagem para este movimento importante de buscar uma atenção profunda que pode proporcionar o contato com a nossa experiência e a produção de sentido sobre ela. “A subjetividade absoluta só é alcançada em um estado de silêncio, no esforço pelo silêncio (fechar os olhos significa trazer a imagem à fala no silêncio). A subjetividade absoluta é a subjetividade na forma de conclusão. Sem silêncio, ela se dispersa e não pode retornar a si” (p.15). Conclusão porque é um processo de produção de sentido da experiência, na atenção difusa este processo não é possível, ele não se conclui. Seguindo nas palavras do autor, “sem este recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar” (2015, p.37) ou ainda, “só o silêncio nos torna capazes de ouvir algo inaudito” (p.38).

Nesta mesma direção, Krenak (2020c) nos provoca: “Escapar desta captura é que cria aquele lugar de silêncio porque ele é um silêncio interior, é uma experiência de continuar uma existência que não se rendeu ao sentido utilitário da vida” (p.57).

No seu último livro “Vita contemplativa: ou sobre a inatividade”, publicado no Brasil em 2023, como o próprio título indica o autor desenvolve sobre esta noção da inatividade

ressaltando que o fazer humano expressa uma parcela de inatividade existente nele, porque sem momentos de hesitação a ação é reativa.

Como o autor problematiza:

Inatividades demandam tempo. Elas exigem muito tempo, um demorar-se intenso, contemplativo. Elas são raras em uma época da pressa, na qual tudo se torna tão a curto prazo, de tão curta respiração e de vista tão curta. Hoje, impõe-se em todo lugar a forma de vida consumista, na qual toda necessidade deve ser satisfeita imediatamente. Não temos a paciência para a espera, na qual algo pode lentamente amadurecer. O que conta é apenas o efeito de curto prazo, o êxito rápido. Ações se encurtam em reações. Experiências se diluem em vivências. Sentimentos se empobrecem em emoções e afetos. Não temos acesso à realidade, que só se revela a uma atenção contemplativa (2023, p.26).

“O *cerimonial da inatividade* significa: *fazemos, mas para nada*. Esse *para-nada*, essa liberdade, com respeito a qualquer finalidade ou utilidade, é o núcleo essencial da inatividade. É a fórmula essencial da felicidade” (2023, p.16). Um exemplo é como passear sossegadamente diferente de andar para algum lugar. Como também a festa: “A festa se opõe ao trabalho na medida em que é livre do para-algo, da finalidade e da utilidade aos quais o trabalho está submetido” (p.17), “(...) livre das necessidades da vida crua” (p.19). A dança é outro exemplo, é como uma libertação do corpo de seus afazeres.

Tanto o sono, o sonho, o tédio são estados de inatividade. O sono a forma mais profunda de relaxamento do corpo e o tédio a forma profunda de relaxamento espiritual. Como diz Han (2023), “suportamos cada vez menos o tédio. Por isso, a capacidade para a experiência definha” (p.26). O sonho traz um mundo interno por trás das coisas do mundo exterior. Como abrevia o autor, “só na inatividade tomamos consciência do solo em que pisamos e do espaço em que nos encontramos” (p.43).

Uma outra concepção importante, tratada por este autor, diz respeito a noção de liberdade, que em contraposição à liberdade associada à produtividade, é concebida de um modo profundamente relacional. Considerada como uma existência afável caracterizada antes de tudo por este espaço de abertura ao outro, que nos permite, ao mesmo tempo, ser eu mesmo. É pela relação com o outro, dos vínculos comunitários, dos vínculos afetivos, amorosos, de amizade que podemos nos constituir livremente em quem nós somos.

Sintetizando então alguns apontamentos sobre esta proposição de um novo modo de vida anticapitalista, inspirado num diálogo entre o Byung-Chu-Han e o Krenak, grifamos que a vida é um fim em si mesmo, que não precisa de utilidade, que a partir do registro da

improdutividade fundamental, se busca uma outra temporalidade, de viver o instante, no aqui e agora, a temporalidade do estado da contemplação, da atenção profunda, do tempo do outro, dos rituais e do tempo que permite o processo de produção de sentido da experiência.

É uma temporalidade que questiona o modo industrial, baseada em etapas. No geral, temos as seguintes etapas durante a vida, iniciamos com uma idade para estudar, depois uma para trabalhar e, para finalizar, uma para repousar e quem sabe viver. Na semana, dividimos dias de trabalho e alguns de repouso, que nem sempre existem. Durante o dia, horas para trabalhar, outras para quem sabe viver e para dormir. É uma divisão industrial da vida. Em síntese, poderíamos definir como etapas: formação, trabalho e aposentadoria.

Para a filosofia do Bem Viver, o tempo é entendido de forma presentificada, como contínuo no qual se interligam as diversas experiências, sem separar tempo do trabalho e do descanso, o registro do modo industrial cai por terra. O tempo é o que há de mais precioso, ele é um campo cheio de possibilidades.

Consideramos, para concluir, que a filosofia do Bem Viver e o pensamento do Byung-Chu-Han podem nos inspirar para imaginar novas possibilidades de vida e de trabalho. Como nos provoca Krenak (2020b), a ânsia no capitalismo por consumir a natureza também anseia em consumir as subjetividades então devemos vivê-la com a liberdade que conseguirmos inventar e não entregá-la para o mercado.

Considerações Finais

A intenção do presente ensaio foi de dar visibilidade a outra forma de conceber o tempo distinta da lógica permeada pela colonialidade-modernidade que invizibilizou e suprimiu outras perspectivas de se conceber o tempo, e para este intento nos apoiamos no pensamento do Byung-Chu-Han e de Ailton Krenak.

Na fase final da escrita, ficamos com a sensação de inacabamento, um texto é sempre inacabado, mas porque identificamos algumas faltas. Uma das faltas é que esta reflexão faz um sobrevoo sobre a dinâmica capitalista e neoliberal, mas não adentra as particularidades de classe, de raça e de gênero que trazem experiências bem desiguais. Então importante apontar que o texto não teve este objetivo sendo que podemos apontar que esta discussão pode ser desenvolvida num estudo futuro. Outro ponto, é o risco que o texto indique um certo determinismo, como se as linhas de fuga, o campo de possibilidades na construção de outros modos de existência não sejam possíveis e não estejam aí, nos diferentes espaços sociais do nosso país, não nos identificamos com esta posição. Nossa intenção foi trazer a crítica

contundente a este modo de vida sem a posição de que não existe um campo de possibilidades existenciais muito ricas aí fora.

Referências

- Acosta, A. (2016). *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Elefante.
- Chödrön, P. (2020). *Acolher o indesejável. Uma vida plena num mundo abatido*. Gryphus.
- Han, Byung-Chul. (2015). *Sociedade do Cansaço*. Vozes.
- Han, Byung-Chul. (2021). *Favor fechar os olhos. Em busca de um outro tempo*. Vozes.
- Han, Byung-Chul. (2023). *Vita contemplativa ou sobre a inatividade*. Vozes.
- Patzdorf, D. (2022). *Artista-educa-dor: A somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental (izado)*. [Tese de Doutorado] Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.
- Pereira, M.J.A. (2021). Bem-viver: nova perspectiva para se relacionar com o tempo. *Motricidades*. 5 (1), 42-54.
- Kopenawa; D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Cia das Letras.
- Krenak, A. (2020a). *Caminhos para a cultura do bem viver*.
- Krenak, A. (2020b). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020c). *Radicalmente vivos. O lugar*.
- Krenak, A. (2020d). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2022). *Futuro ancestral*. Companhia das Letras.

Informações sobre os autores

Suzana Canez da Cruz Lima

Endereço institucional: Rua Marquês de Abrantes, 118, apto 704. Flamengo/ Rio de Janeiro/ Brasil - CEP: 22230061
 E-mail: suzanacanez@id.uff.br

Fernando de Oliveira Vieira

E-mail: fernandovieira@id.uff.br

Contribuição dos Autores	
Autor 1	Definição do problema. Investigação teórica. Escrita - Primeira redação
Autor 2	Escrita - Revisão e edição